

Lavagem do Bonfim

Uma história de proibições, conflitos e muita fé

Dentre todas as festas de largo de Salvador, a da Lavagem do Bonfim é a mais significativa. Seja pelo caráter insólito da lavagem do adro da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, seja pelo cortejo que enerra, com participação de autoridades (este ano, com a presença do governador eleito, Waldir Pires) e o povo em geral (autenticamente representado por baianas, cavaleiros e ciclistas), num conclave que mescla o profano e o sagrado.

Mas nem sempre as coisas foram a base da fé e da água-de-cheiro. Na realidade, a Lavagem do Bonfim se já não foi tão animada e concorrida, teve, porém, muitos lances dramáticos, com a polícia apreendendo vassouras, potes, violões e cavaquinhos. O cortejo era integrado por gente de fé que dançava samba e chula, sem que se desviasse a qualquer cunho folclórico.

PRIMEIRA PROIBIÇÃO

Em 1889 — ano da Proclamação da República — o arcebispo da Bahia, a época, dom Luis Antonio dos Santos, baixou portaria impedindo que o povo lavasse o interior do templo, contando para tanto com a ajuda da Guarda Civica. Em razão dessa medida, naquele ano houve gente espancada, muitas brigas, policiais feridos, e um "deus-nos-ajuda", mas os devotos persistiram, até que, 10 anos depois, em 1899, a manifestação voltou a ser realizada. O início da lavagem, na verdade, data de mais de um século, e foi deflagrada por iniciativa das senhoras dos mesários (administradores), familiares da circunvizinhança e negros africanos.

A determinação do arcebispo em suspender a lavagem, segundo alegava, referia-se a presença de gente da pior espécie, embriagada, responsável por uma série de desmandos no interior do templo, inclusive atos indecorosos. Durante os 10 anos em que se manteve a proibição, a polícia sempre ocupou toda a área em volta da igreja, na Colina Sagrada, dias antes da lavagem, impedindo qualquer acesso nesse sentido.

ÁGUA DA FONTE

Ao contrário do que acontece hoje, quando a água é carregada em potes desde o início do cortejo, naquela época (século XIX e início do século XX), era apanhada em uma fonte existente na Baixa do Bonfim. Na noite que antecedeu a lavagem,romeiros vindos de todas as partes do estado e do País acendiam fogueiras nas ruas, cantavam, dançavam sob o estuário imenso de ce-

chaca e do vinho. Inumeros litros de água-de-colônia eram derramados no interior do templo, ao tempo em que o chão ia sendo enxugado com panos brancos tendados.

Embora não se tenha uma data exata sobre a partir de quando teve início o ponto de partida do cortejo na Igreja da Conceição da Praia, por muito tempo os fiéis deslocavam-se dos mais diversos pontos da cidade. Seguiam em bondes, carroças enfeitadas de bandeirolas e em animais, como burros e cavalos. Os aguadeiros trajavam-se com aventais brancos e as velhas baianas com saias rendadas, balangandas e patuas (para livrar-se do mau-olhado).

PROFANAÇÃO E SINCRETISMO

Aos olhos da Igreja, contudo, a profanação momeca do templo continuava sendo um atentado a fé e aos dogmas cristãos. Em 1930, já se registrava uma multidão incalculável participando dos festejos, embora sob o temor da repressão policial. Em 1940, com a chegada dos Redentoristas, a Salvador, o povo sentiu-se incentivado a novamente efetuar a lavagem do interior do templo. Palanques foram armados para a apresentação de ternos, ranchos, bandas e orquestras. A presença de lalorixas e babalo-

rixas em Oxala, todavia, levou o clero a proibir mais uma vez a lavagem do interior da Igreja.

Mais uma vez a polícia foi chamada a intervir, mas os comerciantes do local aderiram aos fiéis, cerrando as portas e liberando seus empregados para que aumentassem o contingente, em sinal de protesto. Constituiu-se uma comissão para tentar solucionar o entrave. Esta, pacificamente, vale frisar, dirigiu-se ao interventor federal Juracy Magalhães. Sensibilizado, o interventor conseguiria, junto a Igreja, a abertura da basílica.

A Lavagem do Bonfim é um ato que, na verdade, constitui uma forma ampliada do tradicional "lava-pés". De uma forma ou de outra, a proibição do arcebispo dom Luis Antonio dos Santos, no século passado, continua vigente para os dias atuais. Embora tenha-se mostrado mais condescendente, com a permissão para a lavagem do adro, a fé mantém as portas da basílica fechada até as 19 horas. Durante a lavagem, entretanto, o templo é mantido com portas cerradas evitando-se, com isso, a invasão popular que redundaria em graves prejuízos.

AFOXÊS NO CORTEJO

Além do Filhos de Gandhi, que sempre marcou presença nos últimos anos, a lavagem contara neste ano de mudanças com as presenças do Ilê Aie, Badaué e Alaketo — integrados ao cortejo principal, numa estratégia que pretende justapor uma barreira humana a disposição dos caminhões (carregados de populares) em interferir na via principal do desfile. De acordo com informações do presidente da Entursa, jornalista Oswaldo Gomes, "cogitou-se inicialmente de se liberar-se os caminhões após duas horas da saída do cortejo, quando este já estaria próximo da Colina Sagrada, mas isso implicaria em interditar por duas vezes o trafego no trecho do trajeto". Decidiu-se, então — ainda segundo Oswaldo Gomes — introduzir essa "barreira" com os quatro afoxês, impedindo o avanço dos caminhões, liberando-os apenas 10 minutos após a saída do cortejo.

Ele revelou estar garantidas as presenças de 500 baianas e representantes de quase todos os terreiros de candombles da cidade. Lembrou que muitas das velhas baianas já não tem condições físicas para percorrer todo o trajeto, afirmando que foi recomendado as mesmas que procurassem se alimentar melhor e reduzir as vestes.

O Corpo de Bombeiros dará um jato d'água nos participantes no trecho da Calçada, enquanto a Limpurb fará o mesmo no Largo do Bonfim. Uma ambulância será integrada ao cortejo, visando ao atendimento de emergência as baianas que porventura venham sentir-se mal. O policiamento estará a cargo do 6.º e 8.º BPM, que ficarão vigilantes para as tentativas de invasão de veículos motorizados, cujo trânsito só será permitido até o Largo de Roma, Oxala tudo corra bem.